

O CURRÍCULO POR PROJETOS NA DIALÉTICA DE MICHEL FOUCAULT: DESMISTIFICANDO MECANISMOS DE CONTROLE NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Cristina Almeida Silva ¹ e *Mariangela Camba* ²

Resumo: Evidenciamos neste artigo a essencialidade da prática de projetos como forma de propor novas conjecturas de repensar o currículo e os espaços educativos no contexto escolar, desmistificando evidências correlacionadas a quatro mecanismos de controle referenciados na obra de Foucault (1975) - "Vigiar e Punir", delineando novas concepções de ensino para o sujeito em desenvolvimento. Enaltecemos contrapontos em relação a esses mecanismos intrínsecos a um modelo de currículo tradicional, que segue e parametriza reflexos de práticas educativas que docilizam corpos - Foucault (1984). Em síntese, aportamos uma pesquisa qualitativa, de ordem bibliográfica com analogias reflexivas a um artigo científico, mediante levantamento da literatura -Google Acadêmico, consubstanciando autores como Freire (2007), Santos (2002), Hernández (1998) e Silva (2005), reverberando discussões assertivas sobre o método com projetos, com conjecturas de se pensar uma educação libertadora em um novo protótipo de sociedade, que eleve o sujeito em construção, não ao patamar de um soldado que segue em marcha, que controla ou é controlado por seu meio - "panóptico educativo", mas, de um indivíduo que se projeta em seus espaços e transpassa o "quadriculamento pedagógico", conduzindo-se por uma visão de currículo conectado com novas projeções sociais. Delineamos nos moldes conclusivos, tratativas da "caixa de ferramentas" na perspectiva de Foucault, enunciada mediante a essencialidade de se pensar o fazer docente para com o modelo de sociedade democrática, que investiga sua identidade em prol de mecanismos viabilizados por novas concepções históricas de um mundo humanizado, em construção.

Palavras-chave: Corpos dóceis; Currículo; Educação libertadora; Estudante; mecanismos de controle.

THE CURRICULUM THROUGH PROJECTS IN MICHEL FOUCAULT'S DIALECTIC: DEMISTIFYING CONTROL MECHANISMS IN SCHOOL SPACES.

Abstract: In this article, we highlight the essentiality of the practice of projects as a way of proposing new conjectures to rethink the curriculum and educational spaces in the school context, demystifying evidence correlated to four control mechanisms referenced in Foucault's work (1975) - "Discipline and Punish",

¹Mestranda em Práticas Docentes no Ensino Fundamental pela Universidade Metropolitana de Santos (Unimes). Professora efetiva na Rede Municipal de Ensino de Guarujá SP. E-mail: cristinaalmeida1976a@gmail.com.

²Doutora em Educação (Políticas de Avaliação) pela Universidade de Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora na Graduação e pós-graduação lato sensu a distância e docente do Programa de Mestrado Profissional, Práticas Docentes no Ensino Fundamental na Universidade Metropolitana de Santos - (Unimes). E-mail: mariangela.camba@unimes.br.



outlining new teaching concepts for the developing subject. We praise counterpoints in relation to these mechanisms intrinsic to a traditional curriculum model, which follows and parameterizes reflexes of educational practices that docile bodies - Foucault (1984). In summary, we provide a qualitative research, of a bibliographic nature, with reflective analogies to a scientific article, through a survey of the literature - Google Scholar, substantiating authors such as Freire (2007), Santos (2002), Hernández (1998) and Silva (2005), reverberating assertive discussions about the method with projects, with conjectures of thinking a liberating education in a new prototype of society, which elevates the subject under construction, not to the level of a soldier who continues on the march, who controls or is controlled by his environment - "educational panopticon", but of an individual who projects himself in his spaces and crosses the "pedagogical grid", leading to a vision of a curriculum connected with new social projections. In conclusive terms, we outline the "toolbox" in Foucault's perspective, enunciated through the essentiality of thinking about the teaching practice towards the model of democratic society, which investigates its identity in favor of mechanisms made possible by new historical conceptions of a humanized world, under construction.

Keywords: Docile bodies; Resume; Liberating education; Student; Control mechanisms.

1. Introdução

Somos parte de um sistema educativo, constituído por um currículo tradicional, alinhado a conceitos formativos de reprodução de uma ordem social, subjetiva e determinista, composta por relações de força que fragmenta e parametriza o sujeito, transformando-o em um ser passivo e dócil politicamente, ao mesmo tempo que, ativo economicamente, conforme o modelo de sociedade a que se destina.

Nesse sentido, mediante as representações discursivas sob a ótica da obra "Vigiar e Punir" de Michel Foucault (1975), traremos à tona nessa pesquisa qualitativa, discussões significativas desse modelo de currículo, que vai de encontro a quatro mecanismos de controle que Foucault nos referencia, e que contribui para as reflexões que faremos no decorrer desse trabalho. Sendo eles, - A arte da distribuição; Controle das atividades; Organização das gêneses; Composição das forças.

Em conformidade ao exposto, traremos elementos contraditórios a esses mecanismos, fazendo contrapontos entre cada um deles, elencando meios e formas de se reestruturar o currículo por meio de projetos, em nossa visão, tal qual se segue: - A arte da antinomia; Gestão democrática das práticas educativas; Organização da prática docente libertadora, e - As relações de força na ação colaborativa em sala de aula. Com isso, propomos nesta pesquisa, reflexões pontuais sobre novas formas de repensar o currículo e a prática docente para com os preceitos formativos discentes, por meio de projetos.

Alinhados ao modelo de currículo tradicional, engessado e positivista que adentra o interior das escolas com uma materialidade histórica que persevera

até os dias atuais, os mecanismos de controle com base na obra de Foucault (1975), nos denunciam sob a forma da subjetividade curricular, preceitos formativos dos sujeitos vinculados a protótipos reprodutores de uma ordem social hegemônica e neoliberalista, onde essas relações de poder transpassam os espaços educativos, com efeitos baseados num determinismo subjetivo e de ordem considerada “natural”, que se vincula desde a estrutura física dos ambientes escolares, bem como, as formas reflexo-ativas na condução do processo educativo, formando “soldados” prontos, para serem conduzidos em seu meio.

A fim de compreender essas correlações, propomos no viés desta pesquisa qualitativa e bibliográfica, alinhar essas discussões a um artigo científico elencado no Google Acadêmico que fundamenta as ideias aqui expostas, do currículo proeminente e suas relações de força com base nos conceitos discursivos de Foucault.

Em vista dos argumentos apresentados, traremos à tona, a proeminência da prática de projetos, delineando novas formas de reconstituir esse modelo de currículo imposto, abordando aspectos interdiscursivos da obra de Foucault (1975), por meio de autores como Santos (2002), que em sua obra “Democratizar a Democracia”, nos denota características de um modelo social e suas patologias estruturadas num estímulo-resposta com prospectos de luta, chamadas por ele de concepções não hegemônicas, no viés de um modelo de sociedade que se anula política e socialmente, fruto de um modelo educativo condicionado ao modelo de currículo tradicional.

A esse respeito, autores como Freire (2007), em sua obra “Educação e Mudança”, nos leva a refletir sobre uma prática educativa libertadora, trazendo tratativas de luta para com um novo modelo de educação e sociedade, num processo consciencioso de um sujeito que compreende o seu papel por meio da dialética no contexto social em que vive.

No viés dessa questão, Silva (2005), nos leva a compreender em sua obra “Documentos de Identidade – Uma introdução às teorias do currículo” análises reflexivas desses modelos de currículo, atrelados a uma relação de poder que massifica, reproduz ou transforma o sujeito em construção, corporificando novas formas de identidade do educando no que se refere as relações de força relacionadas a ação colaborativa nos espaços educativos.

Tal qual evidenciamos no início desse trabalho, autores como Hernández (1998), cuja obra “A organização do currículo por projetos de trabalho”, nos denota uma experiência da prática de projetos em uma escola em Barcelona, sinalizando evidências fundamentadas sob a ótica de ressignificação dos espaços escolares, levando-nos a reflexões assertivas sob o aspecto da arte da antinomia, num contraponto crucial à arte da distribuição, protagonizada por Foucault (1975).

Epistemologicamente, aspectos reflexivos de uma outra obra de Foucault (1984) – intitulada “Microfísica do Poder” nos levará a entender esse prospecto de escola que conduz à disciplina e controle dos corpos projetando modelos gnosiológicos produtivos e dóceis no meio social, onde iremos propor a validação de um trabalho mediado por projetos que transpasse novas formas de se pensar os espaços educativos, alinhado aos reflexos da prática pedagógica estruturada

por mecanismos contrários ao que Foucault nos evidencia, configurando novos rumos de se pensar a educação e o seu papel transcendental na reconceptualização dos preceitos formativos do sujeito crítico, autor de sua própria história.

2. A transcendência dos mecanismos de Foucault na reconceptualização do trabalho com projetos: novas perspectivas sob a ótica de outros autores

Tendo como ponto de partida a terceira parte da obra “Vigiar e Punir” - de Michel Foucault (1975), cujo tema - Disciplina nos leva a refletir sobre proposituras intituladas “Corpos Dóceis” que parte da premissa da política de coerção sobre o corpo, por meio de técnicas aplicadas nas várias instituições disciplinares, a qual são denominadas por microfísica de poderes, e que iremos nos ater aqui em específico a instituição escola, trazendo evidências foucaultianas sobre como nos docilizamos na modernidade. Façamos um paralelo entre as estruturas de currículo e as formas como os corpos podem vir a se tornar produtora nos espaços escolares.

Quais modos eficazes de controle sobre o educando poder-se-ia ter? Em que padrão de normalidade o sujeito em desenvolvimento deve se parametrizar? Como controlar esse sujeito e potencializá-lo nos modos de produção no interior da escola? E quem não aprende, mediante um currículo único que se apresenta? Em que se revela as normativas do educando estudioso, subserviente e dócil?

A esses questionamentos, as Ciências Humanas (psicólogo, psicopedagogo, psiquiatra) - surgem no século XIX colocando o homem como objeto de conhecimento, ou precisamente, surgem como elementos subjetivos para se normalizar o corpo que não produz, mediante os olhares controláveis no prospecto do “panóptico educativo” que veremos mais adiante.

Em face ao exposto, Foucault nos exterioriza conceitos importantes, a fim de que possamos adentrar ainda mais essas discussões:

A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade de submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares. É assim que no exército aparecem sistemas de graus que vão, sem interrupção, do general chefe até o ínfimo soldado, como também os sistemas de inspeção, revistas, paradas, desfiles, etc., que permitem que cada indivíduo seja observado permanentemente (FOUCAULT, 1984, p. 106).

A respeito das falas apresentadas, iremos adentrar de forma análogo-discursiva aos quatro mecanismos de controle que Foucault nos apresenta, fazendo contrapontos com disposições criadas para conceptualizar o currículo e os espaços educativos por meio de projetos

Bem sabemos o grau de importância de se repensar as práticas educativas, projetando novas formas de ensinar por meio de um currículo que possa vir a refletir o modelo de sujeito que é fruto de uma história, mas que

também pode vir a ser produtor dela mesma. Portanto, se faz necessário compreender quais são as práticas, os discursos e saberes, associados a essas relações de poder que nos formam.

Em primeira análise, Foucault nos coloca sobre “A arte das distribuições”, chamada de “Quadriculamento”, onde nas indústrias, esse protótipo em evidência vai permitir vigiar, aumentar e controlar a produção dos operários, ou seja, a distribuição dos corpos no espaço. E, em preceitos reflexivos, aqui denominamos os espaços educativos, que já no século XVIII se reverbera em projeções de espaço - cada indivíduo em seu lugar, e em cada lugar o indivíduo, denotando o grau de instrução e o segmento ano/série que o mesmo está subdividido, seguindo posições meritocráticas (1º, 2º ou 3º ano), para que se pudesse obter o controle de uma linha de corpos produtivos com projeção curricular, tornando a escola não somente uma máquina de ensinar, como também uma máquina de vigiar, hierarquizar, e até mesmo, recompensar. Esse controle permite analisar o estudante individualmente, fazendo com que o mesmo aumente sua produtividade (aprendizagem).

A esse respeito, delineamos um mecanismo contraditório, chamado – A arte da antinomia. Nesse viés de pensamento, a prática com projetos pode vir a redimensionar o currículo de forma a colocar os estudantes em contato uns com os outros, estruturando uma rotina de pesquisa, entre seus pares, seja de maior ou menor segmento. Objetiva-se nesse contexto, criar ações educativas mediadas pelos educadores de forma a propor interações entre os estudantes, transpondo os muros das salas de aula, tornando a escola um elemento vivo de pesquisa, é o que pensamos.

Nesse sentido, avaliar o estudante não seria nos moldes quantitativos e sim na qualidade das suas ações, como sujeito proativo e autônomo, que pesquisa e é mediado pelo professor, tendo reflexos no seu desenvolvimento como um processo em construção, intercalando sua cultura e modos de viver ao saber sistematizado por meio do ato educativo.

Alinhando-se a essa ideia, Hernández (1998), nos evidencia em sua obra “O currículo por projetos de trabalho”, com dimensões pautadas em experiências de uma escola em Barcelona, chamada Pompeu Farba. O contexto apresentado na obra, denota experiências significativas de grupos de discussão entre os educadores e temáticas direcionadas com os estudantes, alinhando conjecturas dos planejamentos pedagógicos a reflexões precisas entre teoria e prática educativa, viabilizando a necessidade de redimensionar o currículo por meio do trabalho com projetos em parceria com as famílias e toda a comunidade escolar.

Essa escola, nos mostra uma experiência viva em parceria com o autor que, em cinco anos, transformou de forma coletiva, os espaços escolares, condutas docentes e as formas de se protagonizar o currículo.

Em segundo mecanismo, Foucault nos coloca sobre “Controle das atividades” que se delineia no controle do tempo, reverberando-se nas práticas dos quartéis, onde soldados do século XVII marchavam em fila, seguindo o sincronismo do tambor. Ao que nos denota a obra, Foucault também nos relata sobre o modelo de soldado do século XVIII, com quatro passos de marchas temporais, onde o corpo, seus movimentos e cada gesto era temporizado,

controlado. Esse quadriculamento evidencia-se nas empresas (cartão de ponto, entrada, saída, almoço).

E quanto aos espaços escolares? Entendemos esse mecanismo no viés de entrada e saída dos estudantes, recreio, troca de aula, caracterizando toda a manobra das atividades humanas em qualquer consenso, e no caso dos estudantes, evidenciamos essas tessituras de controle e produtividade nos entremeios das relações de força.

Ao que nos consta, é perceptível dizer que as tratativas para o trabalho com projetos, pode trazer à tona ideias e práticas por parte dos estudantes, pensando em formas e estruturas organizacionais, que eles mesmos poderiam direcionar.

Nesse contraponto, elencamos como mecanismo para com os moldes estruturantes do currículo dimensionado por meio de projetos, "A gestão democrática das práticas educativas". Dentro dessa ótica, os estudantes podem vir a organizar esses espaços escolares, viabilizados em meio a decisões coletivas, em conjunto com educadores e toda a comunidade escolar, os levando a compreender as variadas formas de organizar-se e sentir-se parte do espaço educativo, vivificando e desenvolvendo condutas para o seu próprio exercício crítico em sociedade. Em conformidade com essas ideias, iremos alinhar algumas reflexões da obra de Santos (2002) intitulada "Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa".

Nesse contexto, o autor faz críticas realistas ao modelo de sociedade neoliberalista e hegemônica, bem como, as relações de força que determinam o paradigma social existente, delineando os reflexos das patologias de um povo que se anula social e politicamente, de uma massa não participativa e passiva no meio em que vive. Com isso, o autor supracitado nos coloca a seguinte questão:

Pensar a democracia como ruptura positiva na trajetória de uma sociedade implica em abordar os elementos culturais dessa mesma sociedade. Mais uma vez, abre-se aqui o espaço para discutir o procedimentalismo e suas dimensões societárias. No interior das teorias contra-hegemônicas, Jurgen Habermas foi o autor que abriu o espaço para que o procedimentalismo passasse a ser pensado como prática social e não como método de constituição de governos (SANTOS, 2002, p. 52).

Dentro dessa ótica, é possível direcionar ações mais democráticas nos espaços escolares, dando poder de decisão aos estudantes por meio de modelos de projetos contínuos, promovendo ações nesse consenso em toda a sua amplitude, alinhado ao contraponto que colocamos sob a ótica do processo democrático, levando o estudante a compreender o espaço escolar e a estruturar o seu meio de forma organizativa.

E o que teremos? Sujeitos mais participativos nos espaços sociais, conscientes do seu papel no meio em que vive, tornando-se parte de um contexto social em projeções de luta contra- hegemônica, como bem nos coloca Santos (2002), em suas concepções contraditórias a essas sequelas patológicas

da sociedade no mundo atual, e, por isso, se faz necessário repensar esse modelo de “democracia” neoliberalista e subjetiva a que estamos expostos.

Em terceiro mecanismo abordado por Foucault, - “Organização das gêneses” – o autor nos leva a compreender como ocorrem as técnicas para evolução da aprendizagem, evidenciando um modelo de escola de arte do século XVIII a partir das seriações e gradações, de acordo com o nível de dificuldade que cada estudante apresenta em relação ao desenho. Com isso, os melhores estudantes eram recompensados, já os que não alcançavam a essência da normalidade representada, eram penalizados.

Nesse processo, desenvolve-se as técnicas de *ranking* e metas, com o intuito de medir os educandos, com isso, os exercícios deveriam ser aplicados de forma contínua e repetitiva, sendo administrados em doses de complexidade crescente.

E o que vemos nas escolas atualmente? Avaliações externas, premiações e destaques para alguns educandos. Em contrapartida, para os outros que não acompanham, as ciências humanas entram em ação com análises de psicopedagogos, psicólogos e outros especialistas para, de certa forma “enquadrar” o estudante com dificuldade, tendo como fator determinante incluí-lo ao patamar da normalidade de uma estrutura curricular que conceptualiza e comanda um modelo de sociedade fragmentada. Caso não consiga, a medicalização entra em evidência para resolver o problema.

Nesse contraponto ao terceiro mecanismo, adentramos com “A organização da prática docente libertadora” – que se reverbera nos ideais de Freire (2007), em sua obra “Educação e Mudança”. Freire nos reverencia sobre o compromisso do profissional com a sociedade, evidenciando como um profissional deve ser, ao ser comprometido.

Se faz necessário nesse sentido, dar voz aos estudantes por meio de um diálogo autêntico para que se sintam parte do processo educativo, colocando-se também sobre a intencionalidade educativa, ou seja, o ato de ensinar não é neutro. E qual o nosso papel dentro da escola? Oportunizar os sujeitos para que reflitam e compreendam que eles são agentes de mudança, mediatizando preceitos formativos humanizados para com os educandos, por meio da prática com projetos vinculada à uma ação libertadora.

Com isso, denotarmos a importância do papel dos estudantes, dando-lhes oportunidades da ação mediada por projetos, de forma a compreenderem sua atuação dentro e fora da escola, estruturando um conceito de currículo pensado e refletido para todos, nos moldes de uma práxis, onde os estudantes possam alinhar o saber sistematizado ao contexto de mundo, conforme as especificidades de cada um.

Ao quarto mecanismo, Foucault delinea “A composição das forças” – que se reverbera na essencialidade da disciplina de se controlar o indivíduo por meio de combinações mútuas para aumentar a produtividade do coletivo, promovendo assim, maior utilidade e docilidade do corpo, ocorrendo em vários lugares, como exércitos, fábricas, ao passo que, iremos nos ater em nossa pesquisa, a escola propriamente dita.

Dessa forma, cada estudante vai vigiar o outro, como também, a comunicação com seu professor evidenciar-se-á por sinais e gestos, com

movimentos combinados e controlados, desde a conduta de se portar à carteira para melhor produzir a escrita, como a análise mútua a fim de otimizar esse controle de um corpo que produz.

O que nos evidencia nesse mecanismo, é o anulamento do sujeito em sala de aula, tendo que se mover conforme fatores externos determinantes, ou até mesmo, obedecer quanto ao poder de julgamento entre os demais estudantes, que são controlados, mas também controlam os demais, e assim, sucessivamente.

Nesse contraponto, entramos com o seguinte mecanismo na visão de uma proposta moldada no currículo por projetos – “As relações de força na ação colaborativa em sala de aula”. Nessa projeção, alinhamos a obra de Silva (2005), intitulada – “Documentos de identidade – Uma introdução às teorias do currículo”.

Mediante tratativas acima, Silva (2005) nos evidencia sobre os tipos de currículo e as relações de poder que possui na sociedade como um todo, estruturando o currículo tradicional e seu condicionamento reprodutor, bem como o currículo crítico e sua concepção de formar o sujeito nesse patamar para atuar em sociedade, como também o currículo pós-crítico que reconhece a diversidade cultural a que estamos envolvidos, e o papel da escola na formação identitária do sujeito. Ao que está posto, Silva nos coloca:

Qual é o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade? Será a pessoa racional e ilustrada do ideal humanista de educação? Será a pessoa otimizadora e competitiva dos atuais modelos neoliberais de educação? Será a pessoa ajustada aos ideais de cidadania do moderno estado-nação? Será a pessoa desconfiada e crítica dos arranjos sociais existentes preconizada nas teorias educacionais críticas? (SILVA, 2005, p. 15).

A partir da análise desse núcleo de pensamento, a ação colaborativa em sala de aula pode vir a propor “relações de força” distintas ao que Foucault nos alerta, tendo como premissa, não a rivalidade ou a individualidade controlada, isolando práticas interativas que um currículo pensado por meio da prática de projetos pode nos evidenciar.

As tratativas pedagógicas mediadas por educadores que elevem o coletivo de educandos a extenuar esse ambiente controlador, evidencia-se em formar estudantes em patamares éticos e estéticos, de ordem natural quanto ao estímulo da empatia, do aprender a fazer nos processos interativos, envoltos em propostas de um aprendizado coletivo, que vivifica o ambiente pedagógico e “monitora” a essencialidade maior dessa intencionalidade educativa: a riqueza e a vivacidade da identidade, que vai ao encontro das diversas culturas (multiculturalismo) nos espaços escolares...

3. Revisão da Literatura

A pesquisa qualitativa evidenciou-se em sua aplicabilidade de ordem bibliográfica, com levantamento de dados no Google Acadêmico, nos delineando pouco mais de dez temas alinhados ao teor dessa pesquisa. Onde abordamos

apenas um ensaio acadêmico que nos proporcionou maior proximidade na essência da proposta desse artigo, com a temática - "Conhecimento, currículo e poder: Um diálogo com Michel Foucault" da autoria de Jane Cordeiro Oliveira, do ano de 2016.

Constatamos que, materiais intitulados com os mecanismos de controle de Foucault alinhados à propositura do currículo por projetos, não foram encontrados, o que verificamos ser de fundamental importância a abordagem deste artigo. Entretanto, profundas contribuições foram evidenciadas no levantamento bibliográfico, em que a autora Jane nos revela como o currículo se mostra nos espaços educativos, mediante a dialógica de Michel Foucault, bem como, as relações de poder, realçada nos discursos e comportamentos dos sujeitos na escola, nos levando a refletir sobre a "pedagogia dos corpos dóceis" relacionada ao poder estatal.

A pesquisadora vai dimensionando, por meio de autores como Bernstein (1996) e Ball (1994), que estudam aspectos discursivos e políticos dos currículos, com influência de Michel Foucault, além de Lopes e Macedo que dão enfoque sobre as dimensões do currículo correlacionado à prática de poder, significação e atribuição de sentidos, que a autora em questão vai elencando na proeminência de aspectos discursivos com fundamentação bibliográfica de excelência, enriquecendo a discussão proposta.

Toda a conceptualização do artigo, é mediada também por outros autores, que vai parametrizando os diversos conceitos de currículo e os reflexos representativos das instituições sociais sob a ótica do contexto de Michel Foucault, delineando posturas e comportamentos de alunos e professores nos espaços educativos e o controle subjetivo sobre os mesmos, onde os efeitos desses discursos perpassam o controle desses corpos, desde os primórdios da escrita, do conhecimento, sendo a ciência imbricada nesse processo de politização.

Ao conceituar aspectos conclusivos, a autora nos evidencia o currículo e seus efeitos subjetivos nos modelos de escola refletidos nas concepções de sociedade, sendo conforme Foucault, esse instrumento o influenciador nato na organização da escola e do comportamento das pessoas.

Ao que nos parece, fica evidente e necessário que se transponha a lógica de pensamento dos mecanismos de Foucault apresentado nesse trabalho sob a ótica de ações educativas mediada por projetos, para que se possa ressignificar por meio de contrapontos, um currículo que transponha a ordem subversiva de um discurso que delineia as práticas educativas reprodutoras, propondo conceitos abertos a um novo modelo de sociedade que pode vir a desvincular-se desse discurso.

Em conformidade com o interdiscurso mediado por novas relações de poder, de educadores e sujeitos que podem se apropriar dessa caracterização de forças, pensando o ato educativo, revendo condutas e conceitos, pela qual Freire (2007) nos evidencia por meio de uma práxis - atuar e refletir, para depois, transformar.

4. Resultados e discussões

Tendo como premissa as análises aqui expostas, vimos que o indivíduo dócil se constitui como peça fundamental para o funcionamento da sociedade moderna, pois que, o corpo só é dócil quando ele pode ser dominado, controlado e aperfeiçoado. Ao que parece ser notável, esse indivíduo controlado é a utopia, de todo ser que governa. Sob a análise desse ângulo, o sujeito a ser formado nos espaços escolares, deve ser aquele a se constituir nos espaços sociais, reproduzindo as condições do seu meio e a escola possui sua equivalência, fundamentada em concepções neoliberalistas na articulação subjetiva do seu papel nesse processo.

Ao educador, cabe reproduzir tecnicamente o ato educativo descrito nos livros didáticos, prontos para serem produtivos na eficácia de se formar sujeitos, também produtivos, onde os mecanismos de controle nos apresentam toda a perspicácia subjetiva de um currículo oculto, que premia o estudante que se destaca, que mede, controla e reproduz modelos sociais hegemônicos, patologizando e reforçando grupos sociais que se anulam no meio em que vivem, e que Santos (2002) nos alerta sobre a necessidade de se opor a esses determinismos neoliberalistas, numa luta contra hegemônica por meio do fortalecimento dos grupos sociais.

Nesse sentido, Foucault nos relata três conceitos fundamentais intrínsecos a essa disciplinarização com governabilidade subjetiva, a qual evidencia-se com a norma, a vigilância e o exame. Mediante essa análise pontual, o sujeito que se comporta nos espaços educativos, sabe que está sendo vigiado, e a norma serve para controlar qualquer desvio. A partir da norma e da vigilância, que o exame será possível e essencial nessa engrenagem, pois o estudante que tira nota baixa, vai estudar para melhorar seu déficit, e, caso não alcance o padrão vigente, o mesmo deverá ser medicalizado para tornar o corpo mais produtivo.

Dando continuidade a essas reflexões, questionamos indubitavelmente - Quem é esse sujeito em construção? De que modo esse poder externo atravessa a interioridade do sujeito? Quais suas demandas? O que ele busca? É possível não se desdobrar a esses fatores de controle externos? E partimos para a essência deste trabalho, objetivando a prática de projetos como ação pedagógico-coletiva, em busca da reconstrução dos espaços educativos, para com projeções de um modelo de sociedade, que não nos é tão distante, tendo a escola o papel de identificar essa ruptura de um poder que não nos serve, portanto não se autodetermina no desenvolvimento do sujeito...

Em face a essas análises, a escola possui um papel crucial nessa questão, onde se faz necessária investigações precisas sobre a problemática apresentada, trazendo à tona o que Foucault, ao ser entrevistado em obra de Roger (2008) chama de "caixa de ferramentas", visto que, temos a liberdade de utilizar seu discurso e entrelaçar sob o universo atual que fazemos parte, contrapondo mecanismos que possam vir a ser significativos num modelo de currículo alinhado aos autores supracitados, reverberando meios e formas de se propor um currículo amplo, significativo, que transpasse e transforme esse modelo de sociedade que não pode ser estática, como também o conhecimento não é estático.

Ao que nos parece estar claro diante dessas reflexões, se faz admissível percorrer nas entrelinhas a fala de Freire (2007):

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolúvelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz em não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no seu estar, adaptado a ele e sem ter dele consciência (FREIRE, 2007, p. 7).

É notável a intencionalidade das forças que se carrega quando o docente assume o compromisso profissional de se propor esse distanciamento da realidade, para atuar, refletir e transformar o meio educativo, com proposituras alinhadas ao trabalho com projetos, elencando práticas significativas. Ao que nos parece, quando o professor atua com os estudantes de forma a evidenciar essa estrutura de controle, para que possamos transpassá-la, os educandos apreendem esses conceitos de forma a se libertar desse modelo de sociedade vigente.

E ainda, parafraseando Freire (2007), os educadores não podem se colocar na posição de superiores para com os estudantes, pois os saberes são relativos. Via de regra, esses conceitos, levam a práticas libertadoras necessárias para que os sujeitos em construção se descubram em meio a esse processo de subalternização, ao passo que, podem e devem lutar para sair da condição de objeto a sujeito.

Podemos constatar então que, apesar da proeminência dos mecanismos de controle na visão de Foucault (1975), "linkada" aos preceitos discursivos das relações de força nas tratativas do currículo nos espaços e práticas educativas, elencamos discussões essenciais na transposição dessas forças em meio a contrapontos alinhados a esses mecanismos, vistos sobre a ótica da prática de projetos, impulsionadas com propostas viáveis a uma ação libertadora do sujeito, viabilizadas por um projeto de governar a si mesmo.

Num modelo de sociedade em constante transformação e pronta para estabelecer-se por meio de uma interioridade que não se dobra ao que vem de fora, acionamos a proeminência da plenitude dos gregos, que se exercitaram para governar os outros, com a condição de governarem-se a si mesmos, "dobrando a força" (ROGER, 2008).

5. Considerações finais

Compreender as evidências dos espaços educativos que trilham caminhos que se repetem em tratativas reprodutoras, nos remete a pensar sobre esse currículo que "fabrica" sujeitos para atuar em sociedade de forma produtiva e dócil, que não questiona, não contradiz, não se evidencia em meio às suas próprias forças, sendo um produto que segue a mesma marcha de outros produtos que vieram, com determinismos hegemônicos implacáveis e condicionantes, numa inflexibilidade absoluta e irremediavelmente sem rosto.

Ao trazermos os mecanismos de controle reverenciados nas obras de Foucault (1975/1984), criando contrapontos correlacionados a autores como Hernández (1998), Freire (2007), Santos (2002), Silva (2005) e outros aportes bibliográficos, evidenciamos a necessidade de se repensar esses espaços pedagógicos, os sujeitos em desenvolvimento e o próprio educador. Todos envoltos nessa força que aparentemente não se dobra, porque camufla, subjetiva e naturaliza o que está posto.

E ao evidenciarmos essas contraposições dos quatro mecanismos de Foucault (1975) mediadas pelo trabalho com projetos, é perceptível que consigamos “dobrar as forças”, desmistificando esse modelo de currículo que, em primeiro momento nos parece impregnado de rotinas repetidas que transpassam gerações, mas que, ao serem repensadas, passam a ter outra eficácia.

Não a tessitura de punir, vigiar ou controlar a ação pedagógica, mas de se propor reinvenções, reflexões e ponderações, conceituando essa microfísica de poderes ao processo de ressignificar os espaços, levando os estudantes a interações vivas entre os seus, alinhando práticas sociais ao saber sistematizado.

O que na verdade Foucault nos propõe, é se utilizar de suas obras, seus feitos, para nos servir a usos não definidos por quem escreveu, criando imprevistos, e como ele mesmo diz na obra “Entrevistas, com Michel Foucault” de Roger- Pol Droit,

Todos os meus livros, seja História da loucura seja outro podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas que meus livros resultaram... pois bem, tanto melhor! (ROGER, 2008, p. 57).

Com isso, finalizamos esse trabalho com a proeminência de duas das obras de um intelectual como Foucault (1975/1984), alinhadas a grandes autores, que foram discutidos no decorrer desta pesquisa, que nos instiga a investigar esses processos discursivos para que possamos desnaturalizar os poderes que se enquadram numa normalidade inaceitável. E a escola pode e deve ser ressignificada em todos os sentidos, para que possamos nos encaminhar a um modelo de sociedade em constante e contínua evolução.

Dentro dessa ótica, o currículo alinhado ao trabalho com projetos, é o ponto de partida para se formar sujeitos prontos para contraposições necessárias ao processo de reformulação de ser e estar num mundo inacabado, que deve ser visto pela ciência em sua transversalidade humana, que também não é estática, pois se constitui em elementos de força em cada gesto ou ato pedagógico. Trazendo concepções únicas de se projetar um modelo de sujeito responsável para atuar no contexto social, de forma a produzir novos conceitos, novas histórias, “ferramentas” essenciais para o desenvolvimento de uma nova concepção de sociedade.

Referências

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. MACHADO, Renato (Org.). Trad. Renato Machado. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: História da violência nas prisões: 20. ed. Editora Vozes, 1975.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

OLIVEIRA, Jane. **Conhecimento, currículo e poder**: um diálogo com Michel Foucault. Espaço Pedagógico, Passo Fundo, v. 23, n. 2, p. 390-405, jul/dez 2016. Disponível em: www.upf.br/seer/index.php/rep Acesso em: 28 maio 2022.

HERNÁNDEZ, Fernando e Montserrat Ventura. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. 5ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

POL-DROIT, Roger. **Entrevistas com Michel Foucault**. Buenos Aires: Paidós, 2008.

SANTOS, Boaventura. **Democratizar a democracia**: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SILVA, Tomaz. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Recebido em: 1º de junho de 2022.

Aceito em: 29 de julho de 2022.

Publicado em: 11 de dezembro de 2022.